

## A linguagem prometida

*Eduardo Portella*

**A**prendi a admirar Lúcio Cardoso com dois admiráveis narradores brasileiros: Lispector e Adonias Filho. Eles guardam, os três, alguma coisa em comum. Porém o primeiro é mais desolado, a segunda, mais perceptiva, e o terceiro, mais áspero. Clarice e Adonias me falaram de uma casa estranhamente incendiada pela alucinação de seus moradores: a Chácara dos Meneses —uma zona de turbulências, habitada por seres perplexos e fantasmas convictos.

A Crônica da Casa Assassinada, de Lúcio Cardoso, é provavelmente a metáfora desperta e excitante de uma ruína, um vestígio, uma indigência. Mas repleta de vontade —vontade de vida e vontade de linguagem, se é que estas duas vontades não constituem uma única vontade. Ao que tudo indica, este romance composto de gêneros pessoais, memórias, diários, cartas, como que encerra, na história literária do Brasil contemporâneo, o tempo da literatura plena, todo trabalhado pelo afã de completude. «Nunca se é nada aos pedaços», diz uma passagem da poética dispersa de Lúcio Cardoso. Nele os fragmentos, jamais minimalistas, estão remetidos para um todo. A fresta, o interstício, a margem, que ele opera com habilidade, procuram, desesperadamente, a plenitude perdida, ou «assinada». O desespero, ou talvez apenas a angústia, ou simplesmente a compulsão, advém das dificuldades inerentes a um projeto de literatura plena, em meio a uma época progressivamente partida.

A Chácara onde contracena a família Meneses, mais precisamente o palco onde se movem as perturbações identitárias dos Meneses, configura um teatro votado à grande representação. Mesmo que de um mundo pequeno, animado ou desanimado pelo vazio relacional. A aspiração da verdade, da perfectibilidade, do bem, embora tenazes, parecem representações de um paraíso desaparecido. E

a Chácara vem a ser o domicílio natural dos descontraídos, a passarela soturna na qual desfilam, se cruzam e se chocam, homens e mulheres mais ou menos disfarçados, atingidos pela pontaria certa do desvio. A Chácara é ainda um arquipélago, composto de formações insulares. As narrações, os diálogos, as lembranças, as descrições, as irrupções cênicas, não escondem o abismo que os cerca.

Tudo isso acontece sobre um fio de alta tensão subjetiva, através do qual se alastra um insuportável sentimento de estrangeiridade. Esse estranhamento, melhor dito, corresponde a uma distância intransponível, frente ao outro e diante de si mesmo. A obra de Lúcio Cardoso, sem que esta hipótese traduza qualquer constatação estilística objetiva, parece devolver-nos Les rêveries du promeneur solitaire. É no seu interior que se debatem, incessantemente, perdidamente, a solidão acompanhada, e a companhia solitária. Daí a força elucidativa que adquire a meditação. Como se a meditação fosse um encarte narrativo introduzido no corpo romanesco com afinidade de alargar o seu horizonte vital. Mas essa vontade decifradora, esse olhar desperto sobre a peripécia humana, se vê transformado pela resistência da subjetividade. É ela quem delimita sem confinar, quem naturaliza sem degradar. As ações passam por um filtro subjetivo, no interior do qual são retidos, laminados, os artifícios da predicação. O pacto ficcional se restabelece para abrir passagem ao desmoronamento terminal, por metástase moral, da amaldiçoada Chácara dos Meneses.

Mesmo assim a Chácara é o personagem central, quase imperial, em cujo cenário se ergue toda uma série de coadjuvantes incendiados, contidos ou estressados, que, em vão, ou no desvão do espaço privado, procuram sediar a sexualidade extraviada. A precisa descrição desse dilaceramento, a ausência de intencionalidade política, a presença ética da religiosidade, apressam as mais diferentes classificações psicológicas. Muito se tem falado da competência de Lúcio Cardoso na condução da intimidade. Apropriadamente, acredito. Mas o seu repertório de figuras encarna, convém acrescentar, um conjunto de desenlaces que igualmente apontam para uma ordem social em ruínas —um mundo soterrado, porém ainda não de todo morto: letárgico, coagulado, larval, incapaz de decidir sobre o que fazer dos seus distúrbios recalçados ou das suas feridas expostas.

No recinto da casa desabitada por Deus, ou habitada pelo seu avesso, pela sua ausência-presença, o tempo, de braços erguidos para o céu, cauciona e desdobra a maldição. Cada minuto é um tijolo demolido. A morte «anunciada» a cada momento se associa a esse complô fúnebre. Contudo a revolta, nascida do fracasso das relações intersubjetivas, ao longo da Crônica, deixa entrever, pela fresta esquiva, um inequívoco clarão de esperança: é Deus. É a linguagem, enfim? A literatura do destinado que se destina ao destino, parece crer assim. O compromisso da elevação ou da transcendência é um ato de fé. A procura da forma em meio ao disforme, da figura na desfiguração, da transparência dentro do opaco, constituem, aqui, manifestações do trabalho livre da linguagem, sus-

---

*tentadas por um impulso «superior». A linguagem prometida, essa terra distante, quase inalcançável, e ao mesmo tempo insubstituível, vem a ser, na versão confiante de Lúcio Cardoso, uma instância sagrada, imune à violência. Consolida-se, na Crônica da Casa Assassinada, a crença na linguagem, porque a linguagem é o lugar no qual Deus e o homem finalmente se encontram.*